

A Grande Viagem

O dia chegava ao fim, lá fora as folhas douradas cobriam o chão com uma capa luminosa de cores quentes e harmoniosas enquanto os galhos das árvores, aparentemente secos, mostravam-se desejosos do verde à espera da primavera que ainda iria demorar a chegar. Vovô Giacomo preparava o chá e os biscoitos à espera de seus queridos netos. Cansado do dia de trabalho, sentou-se na poltrona e cerrando os olhos pensou nas vivências lindas da sua vida e assim agradecido, esboçou um calmo sorriso e adormeceu.

-Vovô, vovô, venha ver depressa, está a nevar lá fora!

O avô acordou com as vozes dos seus queridos que admirados encostavam seus pequeninos narizes à janela para admirarem melhor os flocos de neve que suavemente caíam do céu como uma dança silenciosa.

-Nem percebi que já tinham chegado, disse o avô contente.

-Veja vovô os flocos de neve no vidro parecem-se com estrelas pequeninas!

-É mesmo disse Maria, estrelas que veem do céu.

-Conte-nos de novo vovô aquela estória da Estrela!?

-Ora, seu tolinho, disse Maria, a Estória era do NIKNOK e do Nikmut.

-Não era não disse João, era da Estrela, com um ar um tanto chateado por ter sido contrariado pela irmã mais velha.

-Deixem-lá meus queridos, a estória era da Estrela e do Niknok. Mas já contei esta estória tantas vezes. Vocês não gostariam de ouvir uma outra?

Imediatamente, as duas crianças saltaram para o avô que, abraçando-as com carinho, sentou-se no cadeirão com os pequenos ao colo.

-Pois bem, então fiquem bem quietinhos e ouçam com atenção:

“Era uma vez...Haviam passado muitos anos e NIKMUT já não era mais um pequeno anãozinho e tornara-se um jovem forte, com bochechas rosadas e dentre todos os da sua idade era o que conseguia escolher os mais belos cristais de todo o reino dos anões. Todos comentavam a sua precisão de escolher entre os mais brilhantes e mais coloridos.

O dia chegara ao fim e, como de costume, os anões estavam a descansar.

Mas NIKMUT pensava na Estrela, na luz que adentrava pelo Buraco do alto do salão real. Há tempos que os seus pensamentos o irriquiavam pois algo lhe faltava. Trabalhava, cumpria com todas as obrigações e leis do reino, sentia-se querido por todos os companheiros, mas algo lhe faltava...

Movido por um desejo interior, voltou a pôr o seu gorrinho vermelho na cabeça e dirigiu-se ao grande salão real. Maravilhado, como sempre, pode ver mais uma vez a luz da Estrela que entrava pelo buraco do alto, iluminando os cristais, reluzindo pelas paredes e pelo chão azul de safiras lapidadas. Olhava e era como se fosse puxado de si para dentro aquela luz grandiosa.

- O que está a olhar, NIKMUT o que se passa, porque não estás a descansar? Era a voz de Gôndolo, o grão-mestre, sentado no seu trono dourado ao fundo do salão.

-Não sei senhor, é esta luz que todos os anos invade o nosso reino... não consigo dormir e perco-me em pensamentos.

-Espero por este momento já há muito tempo, meu filho.

-Como assim, senhor, esperava por este momento?

- Sim, esperava e estou aqui para o ajudar.

-Meu senhor se me permite gostaria muito de saber o que há além do Buraco superior, de onde vem a grande estrela.

-O que há além de nosso reino, só pode sabê-lo aquele que tiver coragem e estiver preparado para passar pela abertura e sair daqui.

Neste momento, um calor imenso inundou o peito de NIKMUT, que quase sem pensar disse:

-Pois eu quero, eu quero passar para o lado de lá!

GÔNDOLO olhou-o bem nos olhos e ficaram em profundo silêncio. O silêncio, sábio e significativo que muitas vezes diz mais do que belas palavras ou discursos rebuscados. Levantou-se do trono e foi buscar dentro da grande arca do tesouro real um saco pequenino. Num gesto reverente, entregou-o ao rapaz.

-NIK MUT, este saco com pedras preciosas fora preparado por NIKNOK, pouco antes da sua passagem, que o transformou num cristal invisível. Foi-mo dado para que eu o entregasse àquele que um dia viesse a fazer a Pergunta. E este és tu. Pega-o e vai. Tem-no sempre contigo que ele te protegerá nesta aventura.

NIK MUT mal podia conter-se de tanta emoção. Não importava como seria ou como haveria de ser, mas estava movido pela certeza de que deveria passar para o lado de fora.

Ouviu-se música no ar; rodas de danças, fandangos e louvores inundaram o grande salão onde todo o reino se reunira para dizer adeus a NIK MUT. Todos estavam inebriados pela coragem do jovem e pela atmosfera de mistério do Adeus. De novo, formou-se uma grande pirâmide, braços entrelaçados, pés apoiados nos ombros.

NIK MUT despediu-se dos pais com um forte abraço e, em passos firmes, subiu pela pirâmide de anões, um pé aqui outro acolá, até atingir o cimo. Agarrou-se às bordas da caverna e num impulso, com os braços contra as pedras, mandou-se lá para fora. A força que fizera foi tão grande que a grande pirâmide de anões despencou-se para baixo fazendo com que caíssem uns por cima dos outros, mas logo se recompuseram e iniciaram o trabalho do dia.

-Acabou? Perguntou João.

-Não meu neto, NIK MUT saiu para fora do reino dos anões.

Os seus primeiros passos foram como que conduzidos pela força de vontade interior e nem conseguia prestar atenção ao que via lá fora. Reconhecia as cores, iguais às dos cristais da gruta, vermelhos, amarelos, azuis e verdes, mas não sabia de onde vinham ou o que eram. Por longos caminhos, andou sem parar, sempre acompanhado por luzes coloridas a mudar constantemente de intensidades, até que chegou a um vale rodeado por grandes pedras cinzentas e entre elas, acreditou ele, havia uma grande esmeralda cristalina e lapidada numa superfície lisa e sem mácula, formando um chão enorme como o chão do grande salão real que ele tão bem conhecia. Mas este chão estendia-se tão ao longe que seus olhos nem conseguiam ver o fim.

Muito cuidadoso, ajoelhou-se à beira da grande esmeralda, e aproximou dela o seu rosto a fim de a ver melhor e, assustado, pode ver o seu rosto nela refletido, o que fez com que se atrevesse a tocar com os dedos aquela imagem tão perfeita e a certificar-se de que não era outro NIK MUT quem lá estava.

Qual surpresa sua, o seu dedo não encontrou resistência e afundou-se no verde cristalino.

Uma sensação de algo novo o invadira. Experimentava pela primeira vez a sensação de afundar o dedo numa esmeralda?

Lembrou-se de Gôndolo, que o alertara sobre o mundo lá fora e lembrou-se do saco de pedras preciosas que trazia consigo.

Com precisão escolheu do saco a mais brilhante esmeralda e atirou-a para bem longe fazendo com que ela caísse sobre a superfície clara.

Neste momento, a pequena esmeralda, ao tocar a superfície cristalina, desencadeou vários círculos de ondas concêntricas, ondas de perfeitas circunferências que se formaram em redor do ponto em que caíra e se perdera lá dentro. Cada onda reproduzia uma melodia por ele nunca ouvida, tilintares, sussuros, chiores, cânticos, harmonias inundaram-no.

-O que é isto? Disse ele. Que linda melodia, que prazer, sinto-me como se eu e tudo ao meu redor, todo o mundo, se tivesse transformado em música!?

-Aaaaaaaa! Escutou como resposta à sua pergunta e a seguir, um coro ecoava, um coro de vozes claras e doces: “ ‘É a água, água, água, água, água, aaaaaaaa!”

Niknok estava espantado. Seus ouvidos registavam entoações e acordes melódicos nunca antes por ele percebidos. Maior foi o seu espanto quando seus olhos começaram a perceber

que daquela a...agu...Água, imagens começaram a surgir lentamente a sair da superfície e a aproximarem-se dele.

Não sentiu medo, pelo contrário, fora atraído para aquele encontro. Percebeu, à medida que chegavam mais perto de si que eram seres, lindos seres, com cabelos finos e compridos a misturar-se com a água e a ondular conforme o movimento que faziam. Tinham vestes longas de um brilho intenso prateado, bocas vermelhas como os rubis, pele rósea como as ágatas e olhos verdes transparentes e brilhantes como as esmeraldas.

Algo mágico acontecia, estava circundado pelos seres e sentiu-se tão leve como uma fina fatia de mica e sem se dar conta que já havia sido levado sobre a superfície da água, a pairar sobre ela e não se afundava como a pedra...

Foi então que, a seguir, aquelas belezas se puseram a rodopiar em seu redor, com movimentos rápidos e ondulantes, fazendo-o perder os sentidos.

Quando voltou a si, estava diante de um vasto salão iluminado por luzes que constantemente mudavam de tonalidade. Não reconhecia cristais, nem mesmo chãos ou túneis, mas sentia-se envolvido por uma atmosfera aconchegante e refrescante. Percebeu então que estava dentro da água.

A melodia envolvente acalmou-se e ouviu-se então a voz clara e vibrante de Lumila.

Não conseguia entender mas sabia que se tratava da rainha de todos aqueles seres pois além de possuir grande beleza destacava-se das outras por levar na cabeça uma coroa de luz prateada.

-Bem-vindo- disse ela.

Acompanhou-a um coro de vozes em eco a dizer - Bem-vindo,vindo,vindo, vin, v...

-Onde estou? Quem és? O que é isso?

LUMILA tocou no seu ombro direito com a sua mão suave e uma fina vibração penetrou pelo corpo adentro e ecoou dentro de sua cabeça, como uma resposta certa e confiante.

Percebera então tudo o que havia acontecido. Que estava nas profundezas das águas, que Lumila era a rainha do reino das ondinas e que todas ao seu redor admiravam-se também com a sua presença. Não conseguia entender com palavras aquela situação mas podia senti-la com o coração.

-Há muito tempo que esperávamos por este dia, disse LUMILA.

-Esperavam? Como assim?

-Sim, sempre que a grande estrela vem iluminar a superfície do lago, ficamos à espera de algo novo e grandioso que viesse transformar as nossas vidas. Nunca soubemos o que seria ou quem seria mas ao recebermos a vossa prenda (e mostrou a pequena esmeralda atirada por ele) percebemos então que havia chegado o dia da grande revelação. Gerações e gerações de ondinas estavam à espera...

Mais uma vez uma grande interrogação ficava dentro do pensamento de Nikmut, mas logo a seguir foi conduzido a um altar construído de algas verdes escuras que dançavam na água a segurar a esmeralda cristalina e brilhante atirada ao lago por ele.

-Lumila !disse ele, esta é uma esmeralda que trouxe comigo do reino dos anões!.

Ouviram-se rumores e a curiosidade pairava em volta. As ondinas, a ondular seus vestidos, movimentavam-se a perguntar: - Reino dos anões? Esmeralda ?

Nikmut, percebeu então que estava num espaço desconhecido tanto para ele como para elas. E, num movimento de cabeça afirmativo provocou um silêncio profundo à espera de mais explicações.

Foi então que se sentiu um anão enorme e começou a contar a História do seu povo, o trabalho quotidiano, os cristais nas cavernas, os fandangos, de NIKNOK, a grande pirâmide, a estrela e a sua saída da gruta.

Todas ficavam maravilhadas e, à medida que desenvolvia o tema, apercebia-se quanto aqueles seres se enchiam de júbilo.

Lumila estava ainda mais admirada e agradecida por ele.

Nikmut numa atitude ainda de maior amizade, abriu o saco e entregou a Lumila mais três cristais, um azul, um amarelo e um vermelho. Ela colocou-os juntos no grande altar. E ali ficariam para sempre lembrar as ondinhas de que não estavam sós no mundo.

-Obrigada, disse Lumila curvando-se diante dele e, ao endireitar-se falou:

-Devemos nós também retribuir a vossa prenda. Peça um desejo.

Nikmut, sentiu um aperto no coração. Aquele lugar era de tamanha beleza e de tamanha paz que ficaria ali para sempre. No entanto estava ainda motivado pela vontade de conhecer e queria muito saber o que havia para além do grande lago.

Lumila lia os seus pensamentos.

-Se assim o desejás, podemos fazer com que chegues até lá.

Com gestos suaves e ondulantes cruzava os braços e rodava sobre si própria fazendo com que as ondinhas entendessem o que pretendia. Em pouco tempo, um lindo barco de plantas aquáticas aparecia na sua frente, algas entrelaçadas reforçavam a embarcação e davam forma à estrutura da nave. Duas hastes firmes serviriam de remo e toda a superfície fora forrada por folhas costuradas umas às outras como um grosso e macio tapete.

De novo Lumila e as ondinhas puseram-se a rodopiar em seu redor fazendo com que perdesse os sentidos.

Ao acordar estava deitado no chão do barco de algas a flutuar no grande lago. Sobre a sua cabeça o céu cintilava com estrelas miúdas e dentre elas a mais bela destacava-se pelo seu brilho intenso a reflectir nas águas do lago e a mostrar um caminho a ser percorrido.

Nikmut estava tão cheio de emoções e daquelas vivências que percebeu que estavam a rolar de seus olhos duas gotas de água e, pela primeira vez, chorou. Chorou de alegria, de prazer, de saudades dos seus amigos que não sabiam de tudo aquilo e, tão cansado que estava, que se encostou à borda do barco, esboçou um sorriso nos lábios e adormeceu.

-E assim meus queridos começou para Nikmut uma grande viagem.”

A mesa já estava posta e os pais já tinham acendido as velas da corôa do Advento, à espera das crianças e do Avô.

Ao descerem do colo, foram ainda à janela para admirar mais uma vez os cristais de neve colados ao vidro.

Ambos tocaram na vidraça com seus dedos pequeninos, do mesmo modo que Nikmut tocara a grande superfície do lago verde esmeralda.

Dois cristais derreteram-se e escorreram vidro abaixo.

-Ouviste? Disse Maria.

-Sim, escutei uma linda melodia e tu, viste?

-Sim, vi uns olhinhos verdes.

-Venham meninos. Já está na hora de cantarmos o Advento do Natal e agradecermos a refeição, disse o pai.

-Venham, hoje vamos ter bolo de chocolate, disse a mãe!

As crianças olharam-se bem fundo dos olhos e viraram-se para o Avô que ainda estava sentado e, num gesto espontâneo, deitaram-se no chão e encostaram os ouvidos no tapete e fecharam os olhos.

Com certeza estavam a aperceber-se de cânticos e melodias, fandangos e lenga-lengas.

Anõezinhos pequeninos

Passam o dia a trabalhar

Seus gorrinhos vermelhinhos

Vão pra lá e vão pra cá.